

INFORMAÇÃO E PLANEJAMENTO CORPORATIVO: AS CONSULTORAS “BIG FOUR” E SUAS ARTICULAÇÕES NO TERRITÓRIO LATINO-AMERICANO (SESSÃO TEMÁTICA)

Brenda Rutchay da Silva Maia

UNILA - Universidade da Integração Latino Americana | engbrendarutchay@gmail.com

Sérgio Henrique de Oliveira Teixeira

UNILA - Universidade da Integração Latino Americana | sergio.teixeira@unila.edu.br

Sessão Temática 05: Tecnopóliticas do planejamento e desenvolvimento urbano e rural.

Resumo: O uso da informação tem sido fundamental na dinâmica contemporânea dos negócios e das relações sociais, conferindo uma vantagem competitiva significativa às organizações que conseguem coletar, analisar e interpretar dados de forma eficaz. As consultorias organizacionais, especialmente as “Big Four”, influenciam as relações entre corporações e Estado e o planejamento territorial na globalização. Detentoras de dados estratégicos, muitas vezes inacessíveis ao público, moldam políticas públicas e processos de privatização, favorecendo interesses corporativos em detrimento da equidade social. A pesquisa qualitativa revela como centralizam informações, ampliam desigualdades regionais e reforçam estruturas de poder econômico, agindo como mediadoras entre atores estatais e privados. Na América Latina, as “Big Four” estão localizadas estrategicamente em pólos econômicos, elas se beneficiam de infraestrutura moderna e alta conectividade para potencializar suas operações. A pesquisa destaca a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que surgem nesse contexto em constante evolução.

Palavras-chave: globalização; relações de poder; consultoras; planejamento territorial.

INFORMATION AND CORPORATE PLANNING: THE “BIG FOUR” CONSULTANCIES AND THEIR ARTICULATIONS IN THE LATIN AMERICAN TERRITORY

Abstract: *The use of information has been fundamental in the contemporary dynamics of business and social relations, providing a significant competitive advantage to organizations capable of collecting, analyzing, and interpreting data effectively. Management consultancies, especially the “Big Four,” influence the relationships between corporations and the State and territorial planning in the context of globalization. Holders of strategic data, often inaccessible to the public, shape public policies and privatization processes, favoring corporate interests to the detriment of social equity. The qualitative research reveals how they centralize information, amplify regional inequalities, and reinforce economic power structures, acting as mediators between state and private actors. In Latin America, the ‘Big Four’ are strategically located in economic hubs, benefiting from modern infrastructure and high connectivity to enhance their operations. The research highlights the need for a multidisciplinary approach to address challenges and seize opportunities in this constantly evolving context.*

Keywords: *globalization; power relations; consultancies; territorial planning.*

INFORMACIÓN Y PLANIFICACIÓN CORPORATIVA: LAS CONSULTORAS “BIG FOUR” Y SUS ARTICULACIONES EL TERRITORIO LATINOAMERICANO

Resumen: *El uso de la información ha sido fundamental en la dinámica contemporánea de los negocios y las relaciones sociales, otorgando una ventaja competitiva significativa a las organizaciones capaces de recopilar, analizar e interpretar datos de manera eficaz. Las consultoras organizacionales, especialmente las ‘Big Four’, influyen en las relaciones entre corporaciones y el Estado y en la planificación territorial en el contexto de la globalización. Poseedoras de datos estratégicos, a menudo inaccesibles al público, moldean políticas públicas y procesos de privatización, favoreciendo intereses corporativos en detrimento de la equidad social. La investigación cualitativa revela cómo centralizan la información, amplifican las desigualdades regionales y refuerzan las estructuras de poder económico, actuando como mediadoras entre actores estatales y privados. En América Latina, las ‘Big Four’ están ubicadas estratégicamente en polos económicos, beneficiándose de infraestructura moderna y alta conectividad para potenciar sus operaciones. La investigación destaca la necesidad de un enfoque multidisciplinario para afrontar los desafíos y aprovechar las oportunidades que surgen en este contexto en constante evolución.*

Palabras clave: *globalización; relaciones de poder; consultoras; planificación territorial.*

INTRODUÇÃO

O uso da informação tem desempenhado um papel importante na dinâmica contemporânea dos negócios e das relações sociais. Os estudos sobre a informação como mercadoria valiosa (Dantas, 1994, 1999a, 1999b), e seu uso por corporações (Teixeira, 2013, 2018) que a utilizam como instrumento de dominação e subordinação das nações aos processos globais de espoliação, têm demonstrado a relevância da investigação do tema para se identificar os agentes que hoje influem na regulação do território.

Falamos da regulação como forma de identificar as possibilidades de planejamento territorial que hoje são feitas pelas corporações por meio de da gestão híbrida do território em conjunto com o Estado, por fora e por dentro.

As organizações têm buscado cada vez mais coletar, analisar e interpretar dados para orientar suas estratégias e tomadas de decisão. Além disso, a capacidade das consultorias de gerenciar e compartilhar informações de forma eficiente tem sido criticada por sua influência na organização do território, pois, muitas vezes, promovem parcerias, colaborações e redes de cooperação que favorecem predominantemente os interesses das grandes corporações em detrimento de outros atores e do bem-estar público.

Nesse contexto complexo e dinâmico, as consultorias desempenham um papel fundamental tanto para as grandes corporações quanto para o Estado, entretanto, é importante ressaltar que essas consultorias frequentemente detêm bancos de dados que não são de acesso público. Esses dados, muitas vezes sigilosos e privilegiados, fornecem uma vantagem competitiva significativa para as empresas que os possuem, permitindo que influenciem o mercado de maneira desproporcional. Além disso, o Estado muitas vezes se utiliza dessas consultorias, e conseqüentemente de seus bancos de dados, em processos de privatização, o que levanta questões sobre transparência e equidade no processo de tomada de decisão. Dessa forma, enquanto essas consultorias oferecem informações valiosas para as empresas, sua concentração de poder e controle sobre informações estratégicas levanta preocupações sobre a democracia econômica, justiça social, e sobretudo sobre o planejamento territorial.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A compreensão da crescente importância da informação dentro do paradigma do capitalismo contemporâneo representa um marco significativo no campo dos estudos econômicos e sociais. Ao reconhecer a ascendência da informação como um elemento central no funcionamento do sistema econômico (Santos, 2020 [1996]; 1979), abre-se um vasto campo de investigação e análise para pesquisadores e profissionais de diversas áreas.

Reconhecendo a centralidade da informação, abre-se espaço para a investigação de novas formas de poder e controle que permeiam as relações sociais e econômicas na sociedade contemporânea.

A interação entre poder, informação e território desempenha um papel fundamental na configuração das relações sociais e geopolíticas na contemporaneidade. O poder pode ser entendido como uma combinação entre energia e informação (Raffestin, 1993 p.55), e isto demonstra a influência direta da capacidade de processamento de dados e conhecimento na capacidade de influenciar e controlar. Esses dois elementos se entrelaçam para moldar a capacidade de influenciar, controlar ou afetar o mundo ao nosso redor. A energia, que representa a capacidade de realizar trabalho; e a informação, como conhecimento e capacidade de processar dados asseguram aos seus detentores poder sobre o território.

O que fundamenta o poder, não é a “necessidade natural, mas a capacidade que os homens têm de transformar, por seu trabalho e ao mesmo tempo, a natureza que os circunda e suas próprias relações sociais” (Lapierre, 1968, *apud* Raffestin, 1993, p.56).

Segundo Raffestin (1993, p.58) existem três trunfos do poder: população, território e recursos. Enquanto o território é reconhecido como um componente vital, sendo a própria arena onde se desenrolam as relações de poder e estratégias geopolíticas, é a população que confere dinamismo e significado a esse espaço. E afinal, o que é o território? Raffestin (1993, p.193), relata que espaço e território não são termos equivalentes. “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático”. A ideia de um “ator sintagmático” enfatiza a natureza ativa e intencional dos agentes que moldam o território, sejam eles indivíduos, grupos sociais, instituições ou até mesmo Estados. Assim, o território não é um dado estático, mas sim um produto dinâmico das interações entre os seres humanos e o espaço físico, refletindo não apenas relações de poder e controle, mas também identidades culturais, valores e aspirações coletivas. O sistema territorial é uma estrutura dinâmica composta por elementos espaciais interdependentes que são organizados e articulados por relações de poder. Esses elementos incluem não apenas o espaço físico e geográfico, mas também as relações sociais, políticas, econômicas e culturais que o permeiam. Dentro desse conceito, o território não é apenas um espaço estático delimitado por fronteiras geográficas, mas sim um campo de forças no qual diferentes atores competem e cooperam para controlar e influenciar recursos e atividades.

Os sistemas territoriais são moldados por uma variedade de processos, incluindo a apropriação do espaço, a construção de infraestruturas, o estabelecimento de hierarquias e redes de poder, bem como a interação entre atores locais, regionais, nacionais e globais.

De fato, o Estado está sempre organizando o território nacional por intermédio de novos recortes, de novas implantações e de novas ligações. O mesmo se passa com as empresas ou outras organizações, para as quais o sistema precedente constitui um conjunto de fatores favoráveis e limitantes (...) Todos nós combinamos energia e informação. Todos nós elaboramos estratégias de produção, que se chocam com outras estratégias em diversas relações de poder (Raffestin, 1993, p. 152 e 153).

Conforme observado por Santos (2002), o espaço geográfico é moldado por uma interação complexa de diversos elementos, abrangendo desde as relações sociais, políticas até as econômicas. Nesse contexto, o autor ressalta a importância dos circuitos espaciais de produção e consumo, bem como dos círculos de cooperação. De acordo com Santos (2000), o circuito espacial representa a manifestação geográfica da divisão territorial do trabalho, abrangendo todos os aspectos da atividade econômica, desde a produção até a distribuição e o consumo. Esses circuitos delineiam a rota na qual as mercadorias são produzidas em determinados locais e posteriormente comercializadas em outros, por meio de fluxos comerciais que podem ser de natureza nacional ou internacional.

E, os círculos de cooperação referem-se a grupos de empresas e instituições colaborativas que operam em uma região específica ou setor particular. Seu propósito é facilitar o compartilhamento de recursos e conhecimentos entre os participantes, visando aprimorar a competitividade coletiva e promover o desenvolvimento econômico e social da área em questão (Santos, 2000).

A expansão dos circuitos espaciais produtivos representa uma transformação significativa na geografia econômica contemporânea, implicando em desafios complexos para a gestão e o ordenamento dos fluxos materiais e imateriais. Esse fenômeno reconfigura a dinâmica de produção e distribuição global, com as grandes corporações emergindo como agentes privilegiados na articulação entre diferentes lugares. Essas corporações desempenham um papel central na unificação das diversas etapas, anteriormente segmentadas geograficamente, do processo produtivo (Castillo; Frederico, 2010). Através da implementação de cadeias de suprimentos globais e da integração de tecnologias de informação e comunicação, essas empresas conseguem coordenar eficientemente as atividades produtivas em escala mundial, aproveitando as vantagens comparativas oferecidas por diferentes regiões. No entanto, essa centralização do poder econômico também levanta preocupações sobre a concentração de riqueza e o desequilíbrio de poder entre as empresas multinacionais e os atores locais, bem como sobre os impactos sociais e ambientais das práticas de produção globalizadas.

Na atual dinâmica mundial, como fator constitutivo da globalização, “encontram-se a forma como a informação é oferecida à humanidade, e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social” (Santos, 2000).

No contexto do capitalismo contemporâneo, observamos um extraordinário avanço na produtividade impulsionado pelo desenvolvimento contínuo do processo de trabalho. Este progresso se reflete na capacidade de produzir uma quantidade significativa de produtos com um tempo de trabalho relativamente reduzido. Essa eficiência é possibilitada pela crescente incorporação de conhecimentos científicos e tecnológicos nos processos de produção, resultando em sistemas de máquinas mais sofisticados, processos de fabricação otimizados e uma organização empresarial mais eficiente.

A revolução informacional desempenha um papel fundamental nesse cenário, com as sociedades mais complexas adotando cada vez mais tecnologias de informação e comunicação em todos os aspectos da produção. Paralelamente a essas mudanças na produtividade, o consumo também passa por transformações significativas (Neto, 2012). Desde 1992, temos sustentado uma hipótese que desafia conceitos estabelecidos: o capitalismo passou por uma transformação fundamental, e as sociedades mais desenvolvidas não estão mais fundamentadas na revolução industrial, embora as normas industriais ainda dominem. Em vez disso, essas sociedades emergiram sobre uma nova civilização, impulsionada pela revolução socioeconômica e tecnológica conhecida como “informacional” (Lojkine, 1995).

A ascensão da informação como elemento central no capitalismo moderno reflete uma mudança fundamental na dinâmica econômica e social. Em um mundo cada vez mais conectado digitalmente, a informação tornou-se uma mercadoria valiosa por si só, capaz de moldar mercados, influenciar decisões e determinar o sucesso ou fracasso de organizações e indivíduos. No contexto empresarial, a posse e a capacidade de manipular dados e conhecimentos são frequentemente tão cruciais quanto a posse de recursos materiais. Empresas que dominam a coleta, análise e aplicação eficaz da informação muitas vezes têm vantagens competitivas significativas, permitindo-lhes antecipar tendências, personalizar produtos e serviços, e alcançar uma eficiência operacional sem precedentes.

A utilização das técnicas de informação é predominantemente monopolizada por um reduzido número de atores em busca de interesses particulares. Tais técnicas, por ora, são predominantemente manipuladas por certos Estados e empresas, intensificando os já existentes processos de disparidade socioeconômica. Essa concentração de poder na manipulação da informação não apenas restringe o acesso equitativo ao conhecimento, mas

também fortalece as desigualdades ao consolidar o controle sobre narrativas e recursos essenciais (Santos, 2017). Como resultado, as massas são frequentemente marginalizadas, privadas do pleno benefício das oportunidades e recursos que a era da informação promete. Essa dinâmica não apenas perpetua as disparidades existentes, mas também cria novas barreiras para a inclusão e participação efetiva na sociedade globalizada.

Santos (2001 p.118), define a socialização capitalista, “a criação de capitais comuns, de meios coletivos à disposição do processo produtivo”. É um fenômeno pelo qual os meios de produção e os recursos econômicos são consolidados em mãos coletivas ou instituições compartilhadas dentro do sistema econômico capitalista:

É socialização pelo fato de que não são os capitais individuais que a devem empreender diretamente. É capitalista porque os beneficiários são poucos, segundo uma hierarquia que vem do seu poder enquanto capitalista, isto é, de sua capacidade de utilizar produtiva e especulativamente as infraestruturas financiadas por meio de impostos com o esforço coletivo, isto é, mediante a contribuição social. A socialização capitalista é, pois, sobretudo, um processo de transferência de recursos da população como um todo para algumas pessoas e firmas. Trata-se (...), de um processo seletivo, que atinge diferentemente os atores econômicos, o que faz do Estado um motor de desigualdades, já que, por esse meio, favorece concentrações e marginalizações (Santos, 2001, p.118).

Enquanto a socialização da informação pode ser apresentada como uma estratégia para aumentar a eficiência e a inovação dentro das empresas, ela também pode ser vista como um mecanismo de controle e exploração. Dentro da lógica capitalista, a socialização da informação muitas vezes não se traduz em uma distribuição equitativa do poder decisório e dos benefícios econômicos.

A informação desempenha um papel central na formação e funcionamento dos mercados financeiros globais. A rápida disseminação de notícias e análises financeiras pode desencadear flutuações nos preços dos ativos em questão de segundos, demonstrando o poder da informação para influenciar a alocação de capital e o comportamento dos investidores. Nesse sentido, a informação não é apenas uma ferramenta para facilitar transações, mas também um ativo estratégico que pode ser explorado para obter lucros substanciais nos mercados financeiros.

Essa ascensão da informação também levanta preocupações sobre questões de privacidade, segurança e concentração de poder. À medida que empresas e governos acumulam grandes

volumes de dados sobre indivíduos e comunidades, surgem questões sobre quem controla e tem acesso a essas informações, e como elas são utilizadas.

A conexão entre esses conceitos e a noção de "Mercadoria Informacional" reside na influência da informação sobre os padrões de cooperação e os fluxos produtivos em uma economia globalizada. Em regiões onde a informação é acessível e utilizada para promover a inovação e colaboração entre empresas, é provável que círculos de cooperação robustos se desenvolvam, facilitando a troca de conhecimento e recursos entre os participantes. Ademais, a disponibilidade de informações pertinentes pode favorecer a identificação de oportunidades de negócios, a otimização de cadeias de suprimentos e a adaptação às demandas do mercado, fortalecendo assim os circuitos espaciais produtivos em uma área específica. Por outro lado, em regiões onde o acesso à informação é limitado ou desigual, os círculos de cooperação podem ser menos desenvolvidos e os circuitos produtivos podem apresentar menor eficiência e resiliência.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, buscando compreender e analisar o papel das consultorias organizacionais no contexto da globalização, com foco na relação entre essas consultorias, grandes corporações e o Estado. O processo metodológico foi dividido em três etapas principais: formulação da hipótese, levantamento bibliográfico e análise dos dados.

A hipótese desta pesquisa parte da premissa de que as consultorias organizacionais desempenham um papel significativo na configuração e manutenção das relações de poder entre grandes corporações e o Estado, especialmente em um contexto de globalização econômica. Através da oferta de informações estratégicas e análises especializadas, essas consultorias influenciam diretamente as estratégias de negócios das empresas e as políticas públicas adotadas pelo Estado, muitas vezes em detrimento de considerações sociais e democráticas mais amplas.

Para embasar teoricamente a pesquisa, foi realizado um extenso levantamento bibliográfico em bases de dados acadêmicas, livros, artigos científicos e documentos oficiais. Foram selecionados obras e estudos que abordam temas relacionados à globalização econômica, consultoria organizacional, relações de poder entre empresas e Estado, privatizações e planejamento territorial. A análise crítica dessas fontes permitiu identificar lacunas no conhecimento existente e elaborar uma fundamentação teórica robusta para a pesquisa.

Com base no levantamento bibliográfico e na hipótese formulada, os dados foram analisados de forma crítica e interpretativa. Foram identificados padrões, tendências e relações entre as

informações coletadas, visando corroborar ou refutar a hipótese inicial e fornecer informações relevantes sobre o papel das consultorias organizacionais na dinâmica econômica e política contemporânea. A análise dos dados permitiu uma compreensão mais aprofundada das interações entre consultorias, grandes corporações e o Estado, destacando seus impactos e implicações para a sociedade como um todo.

DISCUSSÃO

Uma nova discussão surge quando conectamos criticamente a perspectiva à ideia do planejamento corporativo. Ao ressaltar que as empresas exercem poder sobre o território, moldando não apenas seu ambiente físico, mas também suas relações sociais e econômicas, entendemos que o poder corporativo vai além da gestão de recursos tangíveis. Ele engloba também a manipulação de informações e narrativas para consolidar o domínio da empresa e atingir seus objetivos econômicos e estratégicos. Dessa forma, o planejamento corporativo não se limita apenas à alocação eficiente de recursos, mas também envolve estratégias para influenciar as dinâmicas sociais e políticas. Essa perspectiva crítica ressalta a importância de considerar as implicações sociais, políticas e territoriais do poder empresarial, questionando quem se beneficia e quem é marginalizado por essas estratégias de poder corporativo.

A utilização do território é uma condição essencial para a existência dos agentes que operam nele. Todos esses agentes dependem do território e, portanto, consideram o planejamento como uma necessidade para suas ações. Devido à diversidade de ações e intenções, o planejamento também se torna diversificado. Em outras palavras, o planejamento pode ser (e frequentemente é) objeto de disputa entre diferentes agentes e concepções que estão constantemente em conflito para se consolidarem ou manterem sua hegemonia (Teixeira, 2022).

No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização. Os atores mais poderosos reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros. Numa situação de extrema competitividade como esta em que vivemos, os lugares repercutem os embates entre os diversos atores e o território como um todo revela os movimentos de fundo da sociedade. A globalização, com a proeminência dos sistemas técnicos e da informação, subverte o antigo jogo da evolução territorial e impõe novas lógicas (Santos, 2017, p.79).

À medida que o sistema capitalista favorece concentrações e centralizações, observamos uma transição da cidade do capital concorrencial para a cidade do capital monopolista ou oligopolista. Nas grandes cidades, em particular, surgem verdadeiras metrópoles corporativas, onde o poder público desempenha um papel cada vez mais ativo na produção do espaço urbano. Inicialmente, os principais atores econômicos contribuíram significativamente para a formação do capital geral necessário ao funcionamento das economias de aglomeração. No entanto, à medida que o poder público assume mais responsabilidades nesse processo, as obras e investimentos passam a beneficiar predominantemente as empresas hegemônicas, em detrimento das demais e da população em geral. Esse direcionamento reflete uma racionalidade capitalista voltada para o aumento do produto nacional e da capacidade de exportação, o que resulta em disparidades territoriais mais acentuadas e uma crescente especulação imobiliária. O Banco Nacional de Habitação, por exemplo, desempenha um papel crucial na formação territorial das cidades corporativas, unificando capitais para grandes investimentos em infraestrutura necessários às grandes empresas. Esse processo, financiado em parte pelo fundo de modernização urbana, facilita a instalação de distritos industriais e reduz as distâncias entre cidades, favorecendo as atividades econômicas hegemônicas em detrimento das demandas sociais mais amplas. Essa dinâmica contribui para a formação das chamadas metrópoles corporativas, focadas principalmente em atender às necessidades das grandes empresas, relegando as questões sociais e outras demandas a uma posição secundária (Santos, 1989).

No cenário contemporâneo, estamos imersos em um mundo marcado pela velocidade e fluidez. Esta fluidez, tanto virtual quanto efetiva, é viabilizada pela presença de sistemas técnicos avançados, especialmente os sistemas de informação, e é aplicada na prática por empresas e instituições hegemônicas. Embora a fluidez seja apresentada como um bem comum, na realidade, apenas alguns agentes têm acesso a ela, tornando-se os verdadeiros detentores da velocidade. Essa dinâmica é influenciada tanto pelas possibilidades técnicas quanto pelas ações políticas empreendidas por instituições públicas, nacionais, internacionais e empresas privadas. Essa velocidade e fluidez permeiam os territórios contemporâneos, criando incompatibilidades entre diferentes velocidades e incentivando os agentes mais velozes a disseminar infraestruturas que facilitem sua atividade. No entanto, essa disseminação seletiva contribui para a compartimentação dos espaços, dividindo-os entre áreas de pressa e lentidão, o que adiciona uma camada adicional de complexidade à compartimentação territorial. Nesse contexto, o mercado globalizado busca expandir-se através de linhas de menor resistência, promovendo a unificação em detrimento da união e reproduzindo suas próprias bases, especialmente a competitividade, através desses espaços

fluidos. Essa competição, embora muitas vezes apresentada como entre Estados, é na verdade entre empresas, o que amplia as disparidades de poder e agrava as diferenças de força entre elas. Enquanto isso, o território é instrumentalizado como um meio para exercer essas diferenças de poder, com cada empresa priorizando seus próprios objetivos em detrimento do entorno econômico, social, político e cultural. Essa lógica de atuação das empresas hegemônicas resulta em adaptações forçadas e distorções significativas no tecido social preexistente, minando até mesmo a solidariedade social em prol de seus interesses próprios (Santos, 2017).

MUDANÇAS NO MUNDO E A ASCENSÃO DA INFORMAÇÃO

A acumulação por espoliação, que se tornou mais acentuada a partir de 1973, é interpretada como um custo necessário para uma ruptura bem-sucedida em direção ao desenvolvimento capitalista, muitas vezes com o apoio substancial do Estado. Essa forma de acumulação tornou-se mais acentuada como uma resposta aos problemas crônicos de sobreacumulação que surgiram na reprodução expandida do sistema econômico. A ascensão da teoria neoliberal e a subsequente política de privatização desempenharam um papel significativo nessa transição, representando uma mudança fundamental no paradigma econômico e político. A privatização, em particular, simbolizou uma abordagem que enfatizava o papel do mercado e reduzia a intervenção do Estado na economia, refletindo uma nova fase na acumulação capitalista e na relação entre o Estado e o capital (Harvey, 2004).

Os anos de 1980 marcam um período de transformações significativas no mercado de consultoria organizacional, caracterizado por mudanças nas formas de atuação e relacionamento com as empresas contratantes, bem como na inserção nos mercados de divulgação e venda de pacotes gerenciais. Durante essa década, houve uma expansão dos espaços de atuação das consultorias, com uma mudança de foco das características funcionais das práticas japonesas para pacotes gerenciais mais abrangentes, como o *Total Quality Management* (TQM). O aumento da informatização dos aspectos administrativos e de produção também impulsionou o crescimento do mercado de consultorias, criando oportunidades para a oferta de serviços de gestão e implementação de tecnologias da informação. A criação da Andersen Consulting em 1989, como parte da divisão de negócios da Arthur Andersen Co., marcou um marco importante nessa evolução, estabelecendo novas formas de composição entre consultores e auditores e impulsionando a polarização entre as *Accounting Firms* e as firmas de consultoria em estratégia. A formação das *Big Six Accounting Firms* no final dos anos 1980 consolidou ainda mais a influência das consultorias no mercado, enquanto surgiam questionamentos sobre a eficácia e ética das práticas de consultoria.

O expressivo crescimento das empresas de consultoria, especialmente a partir dos países anglo-saxões, na década de 1970, foi uma resposta à demanda crescente por informações especializadas em gestão, essenciais para a sobrevivência das empresas globais. Houve uma notável expansão do setor, com a aproximação de gabinetes de auditoria, escritórios de contabilidade, serviços de informática, agências de informação, sociedades de comunicação, bancos e institutos de planejamento econômico, entre outros, com a área de consultoria. Isso evidencia a ampliação significativa do mercado. Além das grandes empresas globais, que operam em escala planetária, surgiram mercados locais prósperos nos quais pequenas empresas oferecem serviços mais personalizados. São Paulo é um exemplo emblemático desse fenômeno, abrigando os escritórios regionais das grandes empresas globais de consultoria, além de uma ampla variedade de pequenas e médias empresas de consultoria, cuja atuação se restringe, na maioria dos casos, ao território nacional (Santos, 2005).

Para compreender melhor a relação entre consultores e empresas, é fundamental analisar as funções das consultorias, que incluem arbitragem de disputas, produção e difusão de conceitos empresariais e implementação de mudanças organizacionais (Donadone, 2010). Para Santos (2017), o domínio maior é da informação:

A informação é centralizada nas mãos de um número extremamente limitado de firmas. Hoje, o essencial do que no mundo se lê, tanto em jornais como em livros, é produzido a partir de meia dúzia de empresas que, na realidade, não transmitem novidades, mas as reescrevem de maneira específica. Apesar de as condições técnicas da informação permitirem que toda a humanidade conheça tudo o que o mundo é, acabamos na realidade por não sabê-lo, por causa dessa intermediação deformante (Santos, 2017, p.66).

Para Santos (2017), a retórica predominante, frequentemente repetida para justificar a redução do papel do Estado, se apoia na flexibilidade necessária para os interesses dos condutores da globalização. Essa flexibilidade é ilustrada de forma clara pelo processo de privatização, evidenciando a voracidade do capital em busca de mais, em uma demanda insaciável por controle e lucro. A ascensão desses capitais globalizados implica na necessidade de adaptação dos territórios às suas exigências de fluidez, muitas vezes resultando em investimentos massivos para reconfigurar a geografia das áreas selecionadas. Como consequência, o Estado se vê com menos recursos disponíveis para atender às necessidades sociais, especialmente em casos de privatizações controversas, como observado no modelo brasileiro, onde o financiamento de empresas estrangeiras interessadas na aquisição do capital nacional é facilitado. Isso não implica em uma ausência do Estado ou em sua diminuição, mas sim em uma mudança de foco, com uma omissão em

relação aos interesses das populações em favor de um fortalecimento e uma presença mais ativa a serviço da economia dominante.

O papel do planejamento não pode ser ocultado em todo esse processo, sobretudo quando influem certas firmas consultoras, de intimidade notória com grandes empresas estrangeiras e nacionais, chamadas a aconselhar os organismos estatais de planificação. O planejamento, por isso mesmo, tem sido uma atividade a reboque, quando utilizado para buscar uma solução casuística para as dificuldades do capital (Santos, 2012, p.132).

A acumulação por espoliação é um conceito chave no entendimento das dinâmicas contemporâneas do capitalismo global. Harvey (2004), argumenta que a acumulação por espoliação representa um processo em que a apropriação de recursos se dá por meio de práticas predatórias, em vez da reprodução ampliada de capital. Isso inclui a privatização de bens públicos, a apropriação de recursos naturais e a subjugação econômica de territórios, com o suporte de instrumentos financeiros e políticos fornecidos pelo Estado. As *“Big Four”* desempenham um papel fundamental nesse processo, atuando como facilitadoras e intermediárias nos processos de privatização e na implementação de políticas neoliberais que favorecem a concentração de riqueza e a extração de valor de regiões economicamente vulneráveis. As consultorias, ao gerenciar e processar vastos volumes de informações estratégicas, são capazes de influenciar diretamente as decisões econômicas e políticas de diversos países. As consultorias estão profundamente envolvidas em auditorias, assessoria a privatizações e consultoria estratégica para governos e corporações multinacionais, facilitando a transferência de ativos públicos para o controle privado. Em contextos como o Brasil, sua atuação tem sido crucial em processos de privatização de estatais e na reconfiguração territorial para atender aos interesses do capital global. Ao centralizar a informação e operar nos pontos estratégicos das economias, essas empresas fortalecem um ciclo de espoliação que favorece a acumulação de capital nas mãos de uma elite corporativa global, ao mesmo tempo em que marginalizam os interesses locais e aprofundam as desigualdades socioeconômicas.

Segundo Donadone (2001), as consultorias contribuem para processos de reestruturação econômica, frequentemente em contextos de privatização e reforma institucional, onde o território é reorganizado em função dos interesses do capital global. Elas exercem influência sobre o planejamento territorial, oferecendo análises especializadas que frequentemente facilitam a concentração de recursos em áreas estratégicas, promovendo uma lógica de exclusão e de aproveitamento desigual dos espaços geográficos. A atuação dessas empresas reforça a lógica do neoliberalismo, em que o Estado facilita a entrada e expansão dessas

corporações por meio de desestatizações e outros mecanismos que intensificam a desigualdade social, como argumenta Donadone (2001), moldando o território de acordo com as necessidades do capital globalizado.

Atualmente, o mercado de consultoria é dominado pelas chamadas *'Big Four'* - Deloitte, PwC (antiga PricewaterhouseCoopers), EY (antiga Ernst & Young) e KPMG - que se destacam como líderes globais na prestação de serviços de consultoria, auditoria e assessoria financeira.

TIPOLOGIA DAS *"BIG FOUR"*

As *"Big Four"* são reconhecidas mundialmente por oferecer uma ampla gama de serviços profissionais nas áreas de auditoria, consultoria tributária, consultoria estratégica e assessoria em transações de negócios (quadro 1).

Quadro 1: Serviços prestados pelas *"Big Four"*.

Serviço	Descrição
Auditoria e Asseguração	Auditorias independentes que avaliam e asseguram a qualidade das informações financeiras de seus clientes, utilizando metodologias próprias e tecnologias avançadas.
Consultoria Tributária ("Tax")	Auxiliam os clientes a cumprir suas obrigações fiscais e a lidar com questões tributárias complexas, oferecendo suporte no planejamento tributário e no gerenciamento de riscos fiscais.
Consultoria Estratégica e Assessoria em Transações ("Advisory")	Consultoria estratégica e na assessoria em transações, como fusões e aquisições, oferecendo apoio no planejamento e execução de estratégias empresariais, na gestão de riscos, compliance, e na otimização de performance financeira e operacional.
Fusões e Aquisições	Suporte em processos de fusões e aquisições, desde a estratégia inicial até a conclusão da transação, auxiliando na identificação de oportunidades, avaliação de negócios e na integração pós-aquisição.
Venda de Negócios	Assessoria em todas as fases do processo, incluindo a preparação do negócio para venda, a negociação com compradores e a gestão dos aspectos operacionais e financeiros envolvidos na transação.
Parcerias e "Joint Ventures"	Serviços de consultoria para a criação e gestão de joint ventures e alianças estratégicas, ajudando na avaliação de opções e na estruturação de parcerias.
Consultoria para Empresas Privadas ("Private Enterprise")	Suporte em áreas como expansão internacional, transição de gestão e venda de negócios, com foco nas necessidades específicas de empreendedores e negócios familiares.

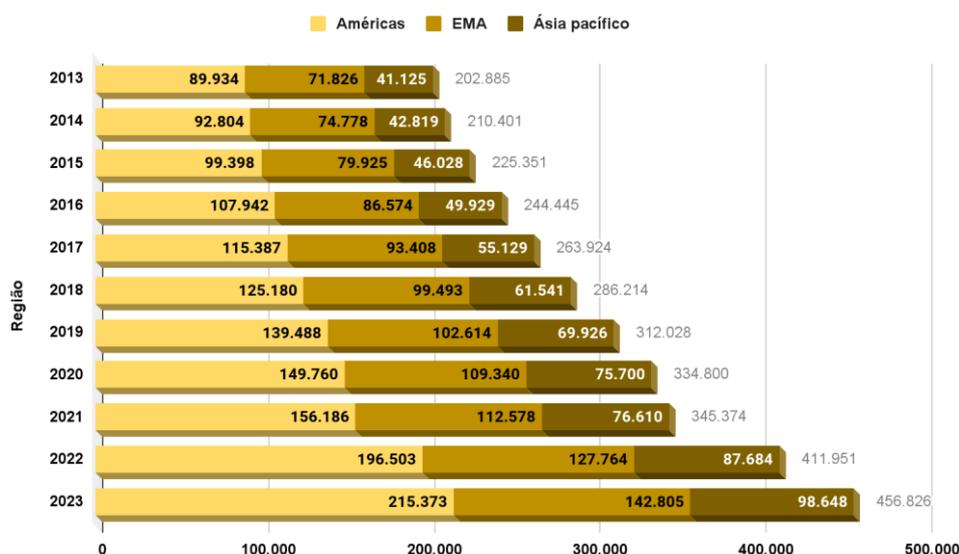
Fonte: os autores, baseado nas informações das *"Big Four"* (2024).

As “Big Four” atuam em uma ampla gama de indústrias, oferecendo serviços especializados que atendem às necessidades específicas de cada setor. Entre as indústrias atendidas estão a gestão de ativos, o setor automotivo, bancos e mercados de capitais, e produtos químicos e tecnologias de desempenho. No setor de consumo, destacam-se as indústrias de consumidor e varejo. Além disso, essas empresas oferecem suporte ao setor de energia, recursos naturais e produtos químicos, serviços financeiros, governo e setor público, assistência médica, e ciências da vida. Outros setores atendidos incluem manufatura industrial, infraestrutura, seguro, meios de comunicação, mineração, capital privado, imobiliário, esporte, tecnologia e telecomunicações.

A) DELOITTE

A história da Deloitte começou em 1845, quando William Welch Deloitte fundou a empresa com a visão de transformar o setor de contabilidade. Inicialmente uma pequena firma de contabilidade em Londres, Deloitte cresceu para se tornar uma organização global com mais de 415.000 colaboradores (figura 1). Em 1856, Deloitte foi nomeado contador da Great Northern Railway, enfrentando uma grande crise financeira. A empresa rapidamente se envolveu em auditorias importantes e, em 1849, tornou-se o primeiro contador independente de uma empresa pública, a Great Western Railway. Deloitte também contribuiu para a profissionalização da contabilidade, ajudando a estabelecer normas e servindo em conselhos de organizações contábeis. Após se aposentar em 1897, a empresa continuou a expandir globalmente, estabelecendo escritórios internacionais e formando alianças com outras firmas, como Haskins & Sells e Touche Ross. A Deloitte evoluiu para uma rede global de firmas associadas (Deloitte, 2024).

Figura 1: Quantidade de colaboradores global da Deloitte.



Fonte: os autores, baseado nos dados de Statista (2024).

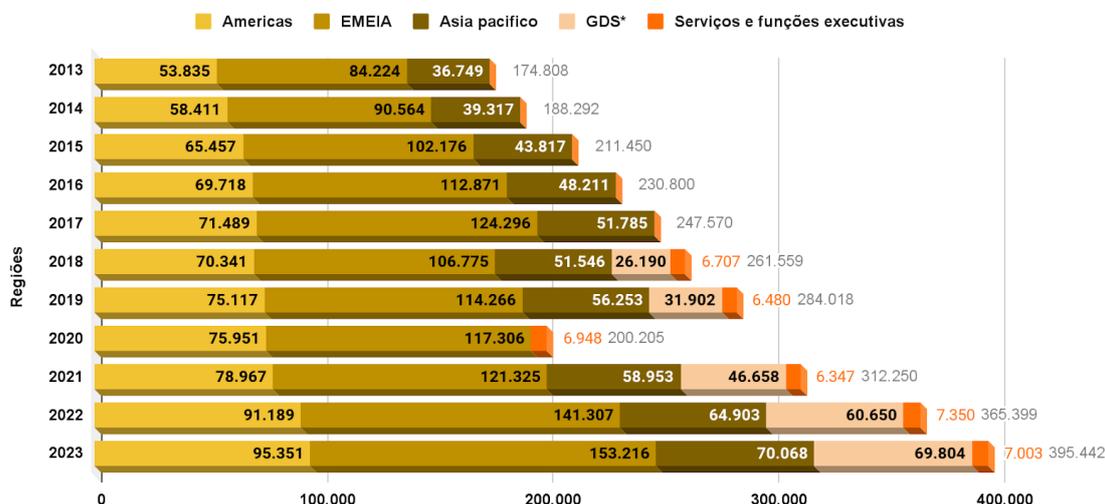
Atualmente, durante a era da Quarta Revolução Industrial, a Deloitte está auxiliando organizações governamentais a implementar as mais recentes inovações tecnológicas. Diferentemente dos equipamentos obsoletos, como máquinas de escrever e computadores antigos de décadas passadas, a Deloitte atualmente utiliza blockchain, realidade aumentada e inteligência artificial para otimizar e aprimorar suas operações (Deloitte, 2024)

B) EY

A Ernst & Young (EY) foi formada em 1989 pela fusão entre Ernst & Ernst e Arthur Young & Company. A sigla EY representa a rede global de firmas-membro independentes da EY Global Limited (EYG), uma sociedade de responsabilidade limitada com sede em Londres. A EYG atua como entidade central da organização, promovendo a cooperação entre as firmas-membro e garantindo a adesão às políticas e regulamentos globais, mas não presta serviços diretos a clientes nem funciona como uma holding central. Cada firma-membro é uma entidade jurídica independente. A EY conta com cerca de 400 mil colaboradores (figura 3) em todo o mundo e opera em três principais regiões: Américas, EMEIA (Europa, Médio Oriente, Índia e África) e Ásia-Pacífico. Além disso, eles possuem uma rede de "Global Delivery Services" (GDS) que é a organização interna de serviços compartilhados da EY, composta por entidades legais de propriedade de diversas firmas-membro da EY; e Firmas-membro da EY em todo o mundo, fornecendo capacidades de suporte às suas equipes de contas de atendimento ao cliente, bem como serviços de suporte de capacitação interna. Inclui também serviço ao cliente e capacitação. Contabilizam também colaboradores que prestam serviços de suporte interno

da EY, como liderança Global e de Área; Tecnologia; Talento; Finança; Marca, Marketing e Comunicação; Conhecimento; Mercados; e Gestão de Riscos.

Figura 2: Quantidade de colaboradores global da EY.



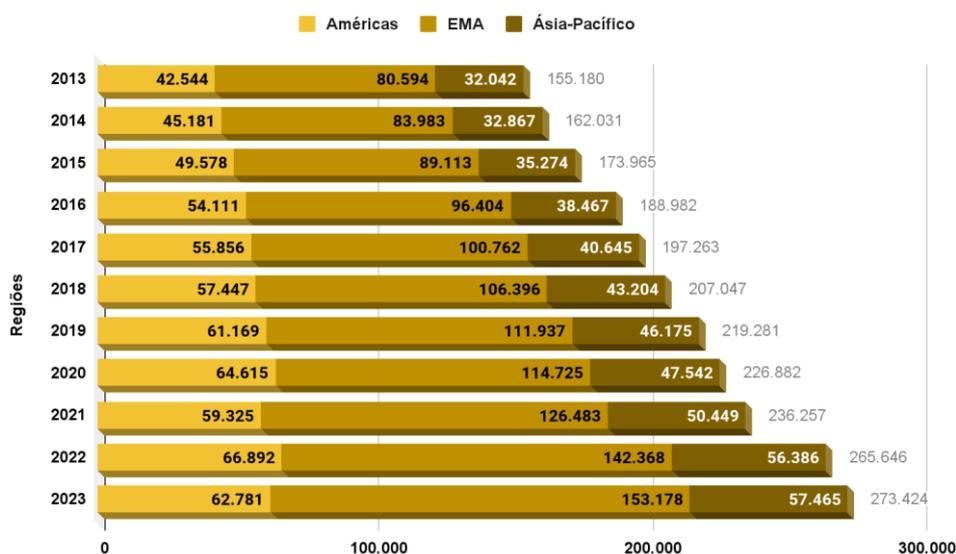
Fonte: os autores, baseado nos dados de Statista (2024).

Desde 1º de julho de 2023, a EY unificou suas operações em 18 países da América Latina, consolidando sua atuação em uma única região. Esse novo modelo organizacional integra mais de 25.000 colaboradores distribuídos em países como Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, República Dominicana, Peru, Uruguai e Venezuela. A carteira de clientes da EY nessa região inclui tanto os principais grupos empresariais locais quanto grandes empresas multinacionais com presença significativa, reforçando seu papel como agente estratégico na dinâmica econômica latino-americana (EY, 2023).

C) KPMG

A KPMG teve sua origem na fusão de duas das maiores redes de firmas de serviços profissionais do mundo, a *Peat Marwick International* e a *Klynveld Main Goerdeler*. Essa união, concretizada em 1987, resultou na integração de suas respectivas firmas-membro em uma única rede global. Rede global esta, que é formada por empresas independentes que oferecem serviços profissionais para uma vasta gama de clientes, desde grandes corporações e governos até startups e organizações do terceiro setor. Em 2023, a organização possuía aproximadamente 275 mil profissionais globalmente (figura 3).

Figura 3: Quantidade de colaboradores global da KPMG.

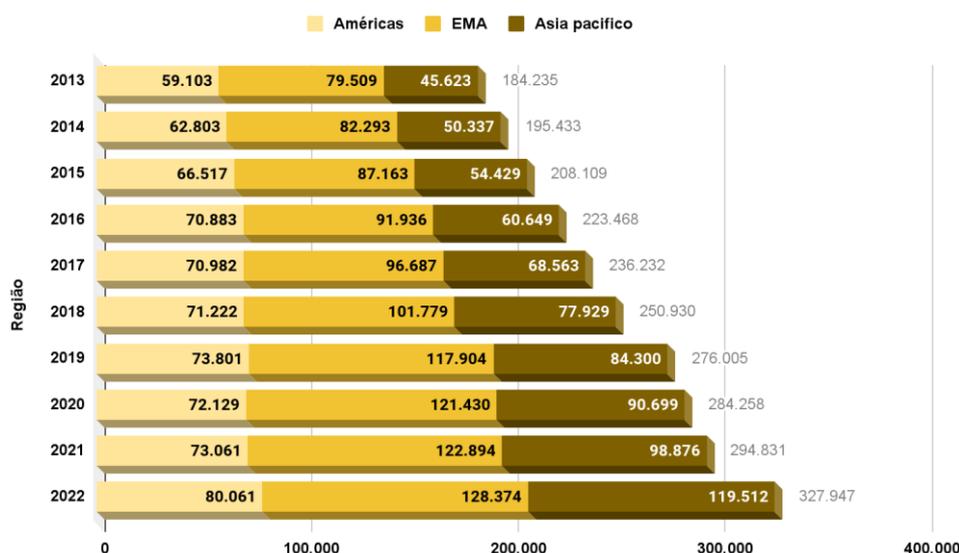


Fonte: os autores, baseado nos dados de Statista (2024).

D) PWC

A trajetória da PwC é marcada por marcos históricos como a fundação em 1849, a fusão com Waterhouse em 1865 e a expansão internacional em 1906. A união com a Coopers & Lybrand em 1998 foi um divisor de águas, consolidando a empresa como uma potência global. A adoção da marca PwC em 2010 completou esse processo de transformação. Nos últimos dados encontrados em anuários, a empresa global possui aproximadamente 320 mil funcionários (figura 4).

Figura 4: Quantidade de colaboradores global da PwC.

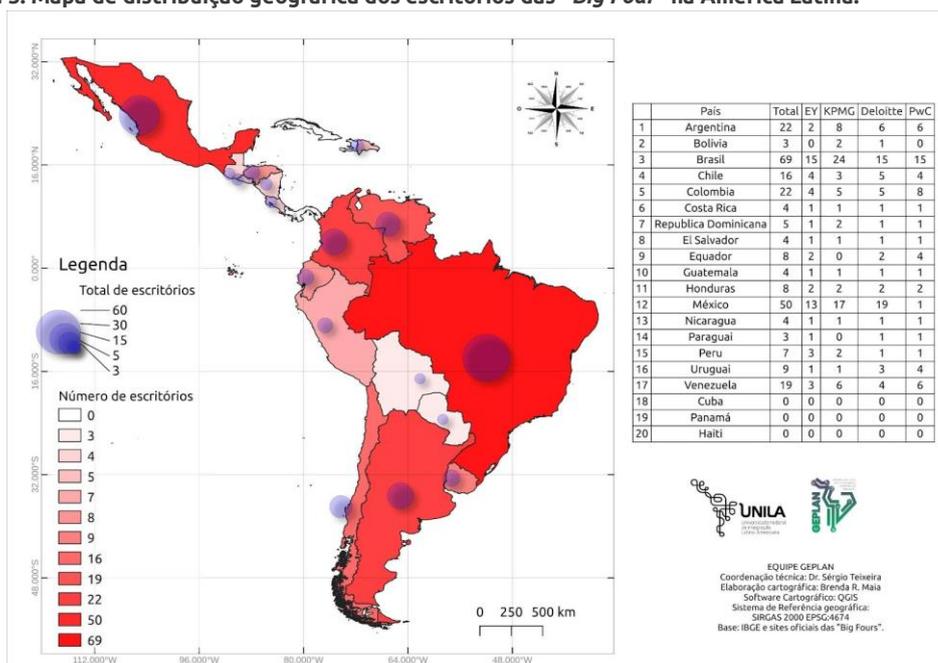


Fonte: os autores, baseado nos dados de Statista (2024).

TOPOLOGIA DAS "BIG FOUR"

Na América Latina, as "Big Four" estão presentes na maioria dos países, com exceção do Haiti, Panamá e Cuba (figura 6). Essas consultorias globais concentram seus escritórios principalmente no Brasil e no México, o que reflete a importância estratégica desses países como centros econômicos e de influência regional. A eficácia dessas grandes empresas está diretamente relacionada à sua capacidade de se posicionarem em locais-chave ao redor do mundo, estrategicamente escolhidos para permitir que exerçam influência tanto sobre mercados locais quanto globais. Esses pontos estratégicos, que formam verdadeiras redes de comando e controle, permitem que as corporações influenciem outras regiões diretamente ou por meio de parcerias e subsidiárias. Ao contrário de uma ocupação geográfica contínua, a ação dessas empresas é caracterizada por uma continuidade temporal, onde sua influência e poder se mantêm através do tempo, independentemente de uma presença física extensa e contínua.

Figura 5: Mapa de distribuição geográfica dos escritórios das "Big Four" na América Latina.



Fonte: os autores (2024).

Nesse processo, a criação de subespaços surge como um fenômeno central. Esses subespaços são moldados por uma nova regionalização, resultado da concentração de atividades homogêneas ou da integração de diversas atividades em uma mesma região. Este modelo de organização espacial forma áreas contínuas que representam uma atualização do conceito tradicional de "região", adaptado às demandas do capitalismo contemporâneo e globalizado. Além disso, um segundo tipo de recorte espacial emerge, sendo caracterizado pela interconexão de pontos de apoio corporativos no processo produtivo. Esses pontos estão

conectados em uma rede que engloba locais estratégicos dedicados à produção, comercialização, controle da informação e regulação (Santos, 2012).

Nesse contexto, a informação desempenha um papel fundamental. A capacidade de gerenciar, controlar e compartilhar informações estratégicas se tornou importante para que essas corporações mantenham sua vantagem competitiva no mercado global. As grandes empresas não apenas dominam a produção e comercialização de bens e serviços, mas também exercem controle sobre os fluxos de informação, utilizando-os como ferramentas de consolidação de poder. Em particular, o Brasil e o México, por abrigarem as maiores economias da América Latina, tornam-se centros de articulação dessas redes, com forte influência nas dinâmicas regionais e globais.

A análise dos escritórios das *'Big Four'* revela uma forte correlação entre sua localização e a dinâmica do circuito espacial produtivo e dos círculos de cooperação. Em São Paulo, esses escritórios estão estrategicamente situados na região da Berrini e Chucri Zaidan, áreas de alta densidade corporativa e conectividade urbana (figura 6), que além de facilitarem o acesso a grandes corporações e instituições financeiras, possuem infraestrutura moderna e capacidade técnica para suportar data centers e armazenar grandes volumes de dados. Durante a pesquisa, houve tentativas de contato com as consultorias para visitas ou entrevistas, mas não houve sucesso. Ademais, as tentativas de capturar imagens das fachadas foram restringidas por seguranças locais, o que evidencia o caráter seletivo e controlado de suas interações com o público e a mídia. Esse comportamento reforça a ideia de que essas empresas operam com um alto nível de exclusividade, preservando sua imagem e o acesso restrito às suas operações.

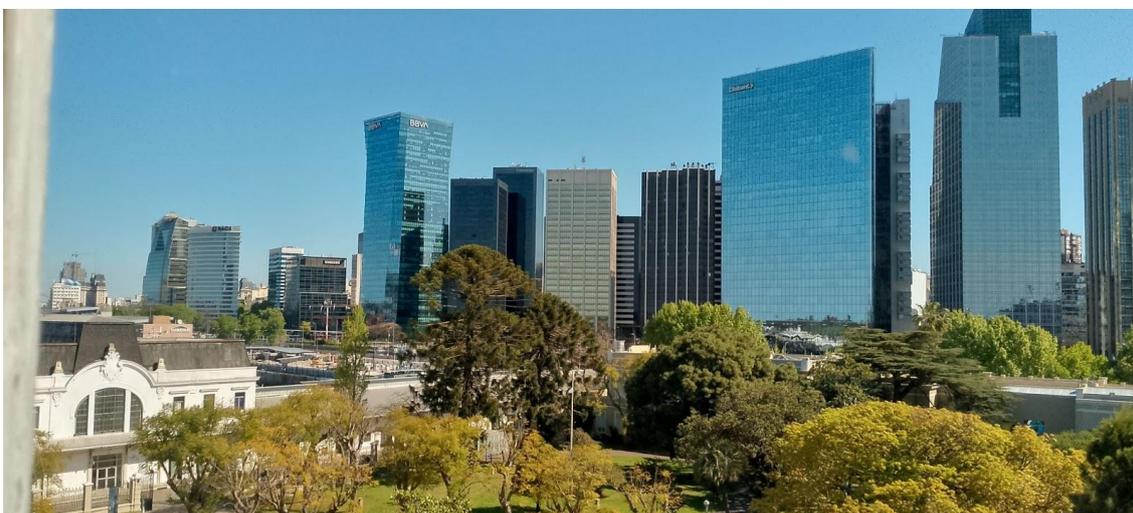
Figura 6: Visão de Centro corporativo na Região Chucri Zaidan, em São Paulo-SP, Brasil.



Fonte: os autores (2024).

O padrão se repete em Buenos Aires, Capital da Argentina, onde os escritórios se concentram no bairro do Microcentro (figura 7), outro eixo estratégico que combina infraestrutura moderna e proximidade com clientes importantes. Assim como em São Paulo, os escritórios das *'Big four'* na capital argentina formam um *"cluster"* próximo, facilitando as interações entre as próprias empresas e seus clientes, bem como a gestão eficiente de informações. Essas regiões também são escolhidas estrategicamente pela capacidade técnica para armazenar dados em larga escala e pela conectividade que garante o rápido processamento e circulação de informações, elementos essenciais para o modelo de negócios dessas consultorias.

Figura 7: Visão ampla do Microcentro em Buenos Aires, Argentina.



Fonte: os autores (2024).

A distribuição geográfica desses escritórios, em polos estratégicos da América Latina, é um reflexo direto dos princípios de planejamento corporativo e territorial. Ao se inserirem em locais com alta densidade econômica e acesso a dados relevantes, essas consultorias consolidam sua posição como mediadoras entre empresas e Estados, ao mesmo tempo que contribuem para a reorganização espacial conforme os interesses do capital global. Essa prática não apenas facilita o acesso à informação privilegiada, mas também reforça a exclusão de outros atores sociais, perpetuando a desigualdade no acesso a recursos e decisões estratégicas. A capacidade dessas regiões de armazenar grandes volumes de dados destaca o papel crucial da infraestrutura informacional, que potencializa ainda mais a influência dessas empresas no cenário econômico e político global.

Essa dominação informacional permite que as corporações globais, como as *"Big four"*, moldem os mercados de acordo com seus interesses, influenciando políticas públicas,

decisões econômicas e a estruturação do espaço urbano e regional. A ação espacial dessas grandes corporações, portanto, vai muito além da simples presença física: envolve a criação de redes de comunicação e informação que conectam pontos estratégicos globalmente, permitindo um controle cada vez mais centralizado sobre os processos de produção, distribuição e consumo (Santos, 2012). Tal controle solidifica sua posição no cenário econômico mundial, ao mesmo tempo em que reforça as disparidades e as desigualdades territoriais, especialmente em regiões como a América Latina, onde essas empresas concentram sua atuação em polos econômicos de maior relevância, como Brasil e México, enquanto deixam outras regiões periféricas à margem do desenvolvimento e da modernização.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, foi explorado o papel das consultorias organizacionais no contexto da globalização econômica, analisando suas interações com grandes corporações e o Estado. Foi possível constatar que essas consultorias desempenham um papel fundamental na configuração e manutenção das relações de poder em um ambiente globalizado e altamente competitivo.

Por meio de análises especializadas e informações estratégicas, as consultorias influenciam diretamente as estratégias de negócios das empresas, orientando decisões relacionadas a investimentos, expansão de mercado, fusões e aquisições, entre outros aspectos. Além disso, detêm bancos de dados e conhecimentos privilegiados, muitas vezes não acessíveis ao público em geral, o que lhes confere uma posição de destaque e influência no cenário econômico.

A relação entre as consultorias, as grandes corporações e o Estado também foi objeto de análise nesta pesquisa. Observamos que as consultorias muitas vezes atuam como mediadoras entre empresas e órgãos governamentais, influenciando políticas públicas e processos de privatização em benefício dos interesses corporativos. Isso levanta questões importantes sobre transparência, accountability e democracia, especialmente quando consideramos o acesso privilegiado das consultorias a informações e recursos.

Diante desse cenário, é importante promover uma reflexão crítica sobre o papel das consultorias organizacionais na sociedade contemporânea. É necessário buscar mecanismos de regulação e controle que garantam a transparência e a equidade nas relações entre empresas, consultorias e o Estado, visando promover o desenvolvimento econômico sustentável e a justiça social.

Esta pesquisa destaca a importância de compreendermos as dinâmicas complexas e interconectadas que permeiam o mundo dos negócios e da política na era da globalização. Somente por meio de uma análise crítica e uma abordagem multidisciplinar podemos enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que surgem nesse contexto em constante evolução.

Nas pesquisas futuras, é necessário fazer um levantamento de dados mais amplo, como localização dessas empresas na América Latina, serviços prestados, carteira de clientes e a ligação com a privatização de estatais, e também outros dados mais que corroboram com o estudo.

REFERÊNCIAS

CASTILLO, R; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, p. 461-474, 2010.

CENTROAMÉRICA, E. Y. **EY anuncia la integración de la región Latinoamérica y nombra a Manuel Solano como Socio Director Regional**. Disponível em: <https://www.ey.com/es_cr/news/2023/04/ey-anuncia-integracion-region-latinoamerica>. Acesso em: 10 set. 2024.

DANTAS, M. Capitalismo na era das redes: trabalho, informação e valor no ciclo da comunicação produtiva. In: LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (Org.). **Informação e globalização na Era do Conhecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 216-261.

DANTAS, M. Da produção material à 'virtual': esboço para uma compreensão 'pós-clássica' da Teoria do Capital. In: TAPIA, Ricardo; RALLET, Michel (Org.). **Telecomunicações, desregulamentação e convergência tecnológica: uma análise comparada**. 1. ed. Campinas: IE-UNICAMP, 1999. p. 219-249.

DANTAS, M. **Trabalho com informação: investigação inicial para um estudo na Teoria do Valor**. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

Deloitte - statistics & facts. Disponível em: <<https://www.statista.com/topics/2602/deloitte/>>. Acesso em: 10 set. 2024.

DONADONE, J. Consultoria internacional em expansão e formas emergentes de globalização das trocas e contenciosos gerenciais. **Tempo social**, v. 22, p. 101-125, 2010.

DONADONE, J. **Os hunos já chegaram: dinâmica organizacional, difusão de conceitos gerenciais e a atuação das consultorias**. 2001. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

EY (Ernst & Young) - statistics & facts. Disponível em:
<<https://www.statista.com/topics/2598/ey-ernst-and-young/>>. Acesso em: 10 set. 2024.

From typewriters to AI. Disponível em:
<<https://www.deloitte.com/global/en/about/story/purpose-values/from-typewriters-to-ai.html>>. Acesso em: 10 set. 2024.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. Edições Loyola, 2004.

HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

KPMG: employees by region 2010-2023. Disponível em:
<<https://www.statista.com/statistics/189516/number-of-employees-of-kpmg-by-region/>>. Acesso em: 10 set. 2024.

LOJKINE, J. **Processo de globalização e territorialidade: dos sistemas urbanos às redes técnicas**. São Paulo: Hucitec, 1995.

PwC (PricewaterhouseCoopers) - statistics & facts. Disponível em:
<<https://www.statista.com/topics/2617/pwc/>>. Acesso em: 10 set. 2024.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. Ática, 1993.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. In: Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo. 2009. p. 139-139.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** (2 ed.) Ed. Record, 2000.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Record, 2017.

SANTOS, M. São Paulo, metrópole corporativa. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 103 a 111, 1989. Disponível em:

<https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/9372>. Acesso em: 28 fev. 2024.

NETO, R. Revolução informacional, novas tecnologias e consumo imediatista. **Cadernos de campo**, n. 16, p. 111-124, 2012.

TEIXEIRA, S. **Círculos de informações e usos do território: grandes empresas de consultoria e a gestão da privatização no Brasil**. 2013. 125 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em:

<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1621791>. Acesso em: 2 jul. 2024.

TEIXEIRA, S. **Planejamento, informação e circulação: as concessões dos aeroportos brasileiros e os usos corporativos do território**. 2018. 1 recurso online (333 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1635575>. Acesso em: 2 jul. 2024.

TEIXEIRA, Sérgio Henrique de Oliveira. O pensamento de Milton Santos e a análise crítica do planejamento corporativo do território. **PerCursos**, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 136–166, 2022. DOI: 10.5965/1984724623512022136. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/21082>. Acesso em: 28 fev. 2024.